

DIGNIDADE

Jornal de todos os aposentados do Plano V

Edição 42 - abril-maio 2015

Afubesp

PLANO II DÁ EXEMPLO DE QUE NÃO ESQUECE QUEM SEMPRE O DEFENDEU



**CHAPA APOIADA PELA CNAB GANHA ELEIÇÕES DO COMITÊ
GESTOR E PROMOVE REFLEXÃO DA IMPORTÂNCIA DE
RECONHECER QUEM REALMENTE REPRESENTA OS BANESPIANOS**

OLIVER SIMIONI REPRESENTA CNAB NA LUTA CONTRA PL DA TERCEIRIZAÇÃO EM BRASÍLIA PÁG.2

CNAB vai à Brasília protestar contra PL da terceirização

Representando a Comissão, Oliver Simioni se junta aos trabalhadores em frente ao Congresso Nacional

O assunto é pauta constante do movimento sindical e não poderia ser diferente. O Projeto de Lei 4330, chamado de PL da Terceirização, tem potencial de ser devastador para os trabalhadores, inclusive os bancários, porque legaliza a terceirização de mão de obra até em atividades-fim das empresas. Com isso, as instituições financeiras cortam custos e aumentam ainda mais as suas já elevadas margens de lucro, enquanto os terceirizados ganham cerca de 70% menos do que os bancários, com muito menos direitos.

E apesar da maior parte dos banespianos já estarem aposentados, a Comissão Nacional dos Aposentados do Banespa (CNAB) considera de extrema importância lutar para que esse PL não seja aprovado. Representada por Oliver Simioni, a CNAB esteve presente no ato em Brasília, que reuniu milhares de pessoas na Praça dos Três Poderes, no dia 7 de abril.

Infelizmente, de lá pra cá, o PL 4330 foi aprovado na Câmara dos Deputados, e agora aguarda votação do Senado Federal, onde passou a ser chamado de PLC 30/2015. Por isso a mobilização deve ser constante e a conscientização das pessoas sobre seus malefícios também.

“Desde o final da década de 1980 sou contra a terceirização, que retira direitos, precariza as relações de trabalho, promove insegurança. Tem sido gritante, desde o Governo FHC, a flexibilização das leis trabalhistas, e o que querem passar agora vai contra tudo que sempre defendemos no movimento sindical e acaba com o que construímos em favor do trabalhador”, comenta Simioni. No que diz respeito à categoria bancária, especificamente, o dirigente é enfático: “Se traba-

lha em banco, bancário é. Não tem nada que dar outros nomes para o serviço, sequer negar direitos”.

Ele destaca também que ao tornar-se terceirizado, o trabalhador passa a ter dois patrões – o dono da empresa que vê todos os lucros, e o que contrata. “A terceirização põe fim à identificação do trabalhador com a empresa e ao mesmo tempo anula a responsabilidade da instituição para com aquele que lhe presta serviço. A quem isso interessa?”, questiona com ironia.



Oliver Simioni (à esquerda) juntou-se à delegação da Afubesp para protestar em Brasília

DIGNIDADE

www.afubesp.com.br

REFLEXÃO

Olhar o passado para assegurar o futuro

Eleições no Plano II levantam questão sobre reconhecer quem verdadeiramente representa os banespianos. É chegada a hora de refletir, Plano V!

De tempos em tempos é preciso lembrar a história. Mostrar os personagens que sempre estiveram à frente nas lutas pelos interesses dos funcionários do Banespa, que fazem o enfrentamento com o banco, que procuram outros campos de batalha, que não abaixam a cabeça para os desejos e desmandos dos banqueiros. É preciso fazer isso, para que nos momentos cruciais, sejam eles os escolhidos para continuar o trabalho de defender os direitos conquistados.

Recentemente, o próprio Banesprev deu sinais da importância de mantê-los vivos na memória, ao trazer em seu informativo a história de

uma das pessoas que mais lutou pelos banespianos. Augusto Campos, que foi eleito por duas gestões na Direp e vereador de São Paulo, estampou a capa da edição 79 do jornal da entidade em reconhecimento suas lutas e conquistas, que entre outras coisas está, nada mais, nada menos, que a criação do nosso Fundo de Pensão.

Pelo que parece, os participantes e assistidos do Plano II também não se esqueceram daqueles que sempre os defenderam. Apesar da ainda alta abstenção nas urnas, eles elegeram pessoas para o Comitê Gestor que são apoiados por nomes e entidades combativas – entre as quais Afubesp e Comissão Nacio-

nal dos Aposentados do Banespa -, que realmente estão à frente das lutas desse segmento, que há anos sofre ameaças à sua aposentadoria.

Vera Marchioni, Sérgio Godinho e Eric Nilson estarão defendendo os interesses do Plano II no colegiado pelo próximo triênio, em um momento que toda atenção é fundamental para assegurar que novas contribuições extraordinárias não sejam aplicadas.

“Já passou da hora do Plano V também ficar atento neste sentido, porque são muitos os que se arvoram de representantes, mas que não têm capacidade de luta e sempre estiveram ao lado do banco, aplaudindo cada uma das obscuridades propostas pelo Santander”, comenta o coordenador da CNAB, Herbert Moniz. “Devemos olhar para o passado e ver quem sempre fez a luta, para não colocar nosso futuro nas mãos de quem não tem cacife para fazer os enfrentamentos necessários”, conclui Moniz.

CAMILA DE OLIVEIRA



Apoiados por entidades que sempre lutaram pelos banespianos, Sérgio Godinho, Vera Marchioni e Eric Nilson foram eleitos para Comitê Gestor do Plano II

CURIOSIDADE

O guardião de Nossa Senhora da Assunção

Banespiano Lauro Ferreira e sua esposa cuidaram por quase 50 anos da imagem da santa, que é a padroeira de Fortaleza e uma relíquia histórica

O que não faltam são banespianos que guardam histórias interessantes, que merecem ser compartilhadas. É o caso de Francisco Lauro Ferreira de Araújo, que pertence ao Plano V e trabalhou nas unidades de Fortaleza (CE), Manaus (AM) e foi gerente geral em Teresina (PI). Aposentou-se como Regional do banco em 1987.

Mas vamos a tal história. Por 47 anos, o banespiano e sua esposa Maria Guiomar Nunes de Araújo foram responsáveis por guardar uma relíquia religiosa e histórica, de valor inestimável, que possui mais de 200 anos: a Nossa Senhora de Assunção, padroeira de Fortaleza.

A santa chegou ao Brasil em 1654, pelas mãos do comandante Álvaro Azevedo Barreto, logo após os portugueses tomarem o forte construído pelos holandeses. Ali, no centro do

pátio, a imagem foi colocada e permaneceu por quase um século. Por este motivo, o local passou a chamar Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, o que explica o nome da cidade.

Feita de madeira dourada e policromada com coroa de prata, em estilo barroco, a santa chegou à casa da família em 1857, quando o arcebispo do Ceará entregou-a aos cuidados do coronel Licínio Nunes de Melo. “A imagem veio para as mãos do meu sogro por conta de uma briga entre o estado e coronéis (donos de fazenda). Ele tinha muitas terras no Ceará e construiu uma capela no sítio Jurucutuoca, em Eusébio, distrito que fica há cerca de 20 km de Fortaleza. O arcebispo deixou que ele escolhesse uma para colocar na capela e a de Nossa Senhora da Assunção era a que melhor se encaixava”, conta o banespiano. Ele revela que, por um tempo, a san-

ta chegou a ficar enterrada, período em que senhor Licínio morou em Maceió. “Em 1960, casei-me com a filha dele e a imagem voltou a habitar a capela no sítio, até que fui pressionado por coronéis – em plena ditadura militar – a entregar a imagem. Acabamos escondendo-a, porque não havia consenso a esse respeito entre os herdeiros.”

Por 157 anos, a imagem permaneceu com a família, até que em 14 de agosto do ano passado, véspera do dia consagrado a Nossa Senhora de Assunção, o banespiano e sua esposa devolveram a santa para que fosse reintronizada no Forte, onde ficou por mais de cem anos. “Foram 47 anos como guardião da imagem, até que os oito herdeiros concordassem em entregá-la”, comenta Araújo, que completa: “A festa para receber Nossa Senhora da Assunção foi linda, e acabamos ficando conhecidos como guardiões dela. Agora temos a sensação de dever cumprido, embora tenhamos saudade de tê-la por perto. Mas foi o correto a fazer”.

A Santa é de tamanha importância para o povo de Fortaleza que foi notícia na cidade. Saiu, por exemplo, no jornal Diário do Nordeste (foto) e na Revista Plenário, órgão oficial da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.

Agora a santa está provisoriamente no quartel da 10ª região militar e pode ser vista pelos habitantes da cidade e turistas.

Banespiano e sua esposa estamparam páginas de jornais e revistas de Fortaleza ao lado da santa

Trajetória da santa na família Nunes de Melo

O primeiro integrante da família Nunes de Melo chegou ao Ceará ainda durante o Primeiro Império. Manuel Nunes de Melo, o chamado barão de Santo Amaro, veio para o Estado a fim de assumir o posto de cônsul da França no Brasil.

Na mesma época, a cidade de Fortaleza recebeu o engenheiro Francisco Seifert para reconstruir a antiga Sé. Os projetos do engenheiro não foram aceitos, mas ele continuou no Ceará e acabou edificando a sede do sítio Jurucutuoca, em 1847. Seifert morreu e sua viúva, Maria da Cunha, casa-se com o barão de Santo Amaro.

Herdeiro

O verdadeiro herdeiro da imagem de Nossa Senhora da Assunção, o coronel Licínio Nunes de Melo, era filho de Manuel Nunes



A dona de casa Maria Guiomar Nunes de Araújo e o aposentado Francisco Lauro Ferreira de Araújo foram os “guardiões” da imagem católica durante 47 anos

de Melo e de Maria da Cunha. O coronel era administrador da Irmandade de São José, responsável pela procissão dos mortos e compadre do arcebispo de Fortaleza na época, Dom Joaquim José Vieira.

Licínio precisava de uma imagem para a capela do Sítio Jurucutuoca. O arcebispo pediu que ele escolhesse qual figura queria. O coronel elegeu, então, Nossa Senhora da Assunção porque cabia como uma luva no santuário, sendo então doada para a família Nunes de Melo.

Primeiro, a santa foi para a casa de Licínio, localizada no Centro de Fortaleza, na Rua Barão do Rio Branco (denominada Rua Formosa, na época). Nossa Senhora foi levada para o sítio somente em 1857.

O coronel teve oito filhos que acabaram herdando a imagem.

Licínio precisava de uma imagem para a capela do Sítio Jurucutuoca. O arcebispo pediu que ele escolhesse qual figura queria

Após a partilha dos bens, José Licínio Nunes de Melo ficou com o sítio Jurucutuoca e, portanto, com a imagem católica, até mesmo por ter cuidado do seu pai até a morte.

Receio

Na época da Ditadura Militar, em 1960, o genro de José Licínio Nunes de Melo, o hoje aposentado Francisco Lauro Ferreira de Araújo, retirou a santa do sítio e

guardou em local sigiloso, com receio de que o Exército a tomasse. E assim ficou por 47 anos.

“Fui intimidado a comparecer no quartel para dar explicações e não compareci. Depois fui convidado a tomar um chá com o general Borges da Fonseca e me apresentei. Foi então que o arcebispo provou que a imagem pertencia à minha família”, conta.

O temor era que o Exército, pressionado pelo arcebispo da época, Dom Salgado, resgatasse a imagem à força.

Lauro ainda pensou em vender a peça, mas depois voltou atrás e resolveu procurar uma pessoa de influência para resolver o trâmite de doação.

O aposentado revela que várias pessoas o procuram ainda hoje para ver a figura de Nossa Senhora da Assunção, até com propostas de compra.